

# Posseiros são acusados de tomarem terras dos índios

Os posseiros abriram uma trilha para as serras que circundam o Brejo dos Padres, sede da tribo Pankararu, para impedir o deslocamento dos índios para suas plantações, empurrando-os para o centro do posto da Funai, onde estão expostos ao desmoronamento de barreiras, freqüentes durante o inverno. Com essa medida pretendem desalojar os de suas terras e mantê-los isolados, sem condições de sobrevivência.

A denúncia é do subpajé João Gomes da Silva, 48 anos, escolhido pela tribo e indicado pelo pajé, que aos 90 anos encontra-se doente, sem condições de descer a Serrinha, onde mora sozinho. Além disso, no verão, os posseiros tocam fogo nas matas, destruindo a vegetação das serras, provocando o agravamento das erosões pluviais que destróem as lavouras e as casas dos índios.

Caboclo de olhos verdes, o subpajé considera vital para a sobrevivência do índio a liberdade de movimento, a qual está impedida com a abertura de trilhas nos cumes das serras. Todos os integrantes da Pankararu moram em locais distantes de suas plantações, mas cobrem o percurso a pé, subindo e descendo as serras, agora cheias de trilhas com posseiros emboscados.

Logo após a invasão das terras da reserva e da destruição de 13 marcos, o subpajé mandou João Bomba "tocar" o búzio, convocando todos os índios (adultos, mulheres e rapazes) para a concentração. Na sede eles passaram quatro dias (de terça até sexta-feira), esperando uma invasão, prontos para defenderem-se dos posseiros, armados apenas de facões, espingardas de caça, arcos, flechas e foices. Mas, na sexta-feira, a Polícia Federal chegou e a situação normalizou-se, tendo os quase 2 mil índios retornado às suas atividades agrícolas e artesanais.

Em 1975, devido aos freqüentes incêndios provocados pelos posseiros, a Serrinha ficou desmatada e no inverno ocorreu um desabamento de grandes proporções que destruiu três casas de índios. Todas essas denúncias foram feitas às autoridades, mas até hoje nenhuma providência foi tomada, possibilitando um permanente clima de intranquilidade entre a comunidade indígena, desarmada e desprotegida.

## DENÚNCIAS

João Gomes acusa os posseiros de dar bebida alcoólica, de graça, aos índios (na reserva é proibido vender aguardente), aliciar jovens índios para a prostituição, promover intrigas para provocar brigas e até mortes entre os indígenas, tudo visando desmoralizar a tribo. Segundo ele, isso é feito com o beneplácito de políticos da Região, de fazendeiros e dos dirigentes da Federação dos

Trabalhadores na Agricultura e do sindicato rural.

— Durante a invasão de terça-feira, mais de 200 posseiros entraram na reserva e nos ameaçaram. Estavam armados até de metralhadoras. O complotado contra a tribo é grande. O prefeito José Dantas de Lima tem um capanga que possui uma metralhadora. O presidente do sindicato, Vicente Coelho, é cunhado do maior posseiro da Região, o José da Viúva. Todos apoiam, incentivam e estimulam os posseiros a tomarem nossas terras — disse o subpajé João Gomes.

Ele desmentiu o presidente do sindicato, Vicente Coelho que o acusou de ser um falso índio, registrado na Funai, afirmando que toda a tribo pode atestar quem está com a verdade. Também negou que a tribo houvesse ultrapassado dos limites da reserva e ter colocado os marcos em distância equivalente a 13 quilômetros, em vez de seis.

— Nós votamos no atual prefeito. Ele teve cerca de 500 votos dos índios, também sempre colaboramos com o sindicato. Mas, agora a situação ficou preta e estamos vendo que todos eles só querem nossas terras. Acusam a Chef de querer tomar as terras para construir um campo de aviação, mas é uma mentira para desviar as atenções das autoridades. O prefeito quer os votos dos índios é dos posseiros. O presidente do sindicato quer os votos dos posseiros, e seu cunhado nossas terras. Quem vai ficar com a gente? Ninguém, só Deus e a Polícia Federal — desabafou o subpajé.

Com total apoio e confiança da tribo, ele manteve mais de dois mil índios de prontidão durante quatro dias, ficando patentes seu prestígio e liderança entre os comandados. Diante disso, afirmou: A tribo está comigo. Não arredaremos um palmo de nossas terras. Se preciso for, mesmo sem armas, lutaremos até o último menino ou mulher, mas defenderemos o que é nosso.

## CULPA

De quem é a culpa pela contenda de terras entre índios e posseiros. O presidente do sindicato diz ser de políticos, o povo não opina, o delegado de Polícia acha que há agitação na área, os índios acusam os posseiros, mas nenhum deu uma definição correta.

Um funcionário público aposentado de Petrolândia, que pediu para seu nome não ser revelado, disse: "Toda a responsabilidade por esses atritos que poderão, mais tarde, resultar numa matança, cabe, exclusivamente, à Justiça: há mais de quarenta anos, índios e posseiros pedem as demarcações das terras e a ação continua rolando na Justiça, como se o problema fosse bobo, "sem nenhuma significância".



O delegado explicou que só pode intervir com ordem judicial



Costa Coelho diz que os índios ultrapassaram os limites da reserva

## Sindicalista acusa a tribo

Vicente da Costa Coelho, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Petrolândia, acusou a tribo Pankararu de haver ultrapassado os limites da reserva e avançado sete hectares de terras, ocupadas há mais de 200 anos pelos posseiros. Isso, segundo afirmou, tem sido o motivo dos freqüentes incidentes entre indígenas e posseiros.

Também acusou a Funai de não dispensar melhor atenção ao problema, permitindo inclusive o registro de qualquer pessoa como índio, possibilitando assim, a infiltração de elementos estranhos à tribo Pankararu. Muito tranquilo, o líder sindical não quis comentar as acusações de que o sindicato estaria instigando os posseiros para um confronto armado com os índios.

— Na realidade, tudo isso poderia ser evitado, bastando apenas proceder a demarcação das terras dos índios e as pertencentes aos posseiros. Com essa providência acabaríamos os atritos, mas a causa está na Justiça desde 1940 e os interesses políticos impedem a normalização da situação, dando oportunidade a especulações, mantendo intranquilos índios e posseiros — disse ele.

A reserva dos Pankararu ocupa uma faixa de terra de seis quilômetros

## Freiras incitam à luta

Na quarta-feira, às 15 horas, quando os índios estavam concentrados esperando um ataque dos posseiros, quatro freiras chegaram à sede do Posto da Funai e os instigaram a enfrentar os posseiros. Quando o cacique João Monteiro da Luz soube da presença das religiosas, determinou que fossem expulsas da reserva, acusando-as de estarem ao lado dos posseiros.

Duas das freiras — Josefina e Alzira — são conhecidas na tribo, mas o índio José Bomba recebera informações de que elas estavam fazendo "o jogo" dos invasores e comunicou a traição ao cacique. No dia anterior, três índias as viram, em Caldeirão, incitando os posseiros a expulsarem os índios que estavam desarmados e sem condições de reagir a um ataque.

A expulsão das freiras gerou uma desconfiança contra as religiosas ou religiosos e, embora os índios sejam católicos, crismados, batizados e casados na igreja, a tribo mantém a disposição de só

quadrados, ficando a sede localizada no Brejo dos Padres, com índios ocupando, ainda, as localidades conhecidas por Caldeirão, Brejinho dos Correias, Bem Querer, Caxiádo, Maneca, Barroco, Espinheiro, Tapera, Logradouro, Carrapateira, Saco de Barro e Serrinha. As terras dos índios limitam-se com o município de Tacaratu, a propriedade Mundo Novo, Rio São Francisco e os posseiros, num total de 500, todos dispostos a permanecerem nas terras.

— Há muita coisa errada. De princípio, tem o problema do subpajé que não é índio, mas apenas conseguiu registro por casar com uma mulher da tribo. Tem também o problema dos interesses políticos que impede a demarcação dos limites entre as terras dos índios e as ocupadas pelos posseiros e cuja execução definirá quem está certo ou errado — afirmou Vicente.

Revelou, ainda não existir liderança, nem interferência de estranhos no movimento encetado pelos posseiros para permanecerem nas terras e recuperarem as que dizem terem sido usurpadas pelos Pankararu. Ele confirmou a destruição dos marcos da reserva por cerca de 200 posseiros, destacando apenas que "ninguém estava armado".

procurá-los fora da reserva. As freiras, principalmente, as irmãs Josefina e Alzira, sempre tiveram boa acolhida dos índios aos quais visitavam com regularidade, prometendo ajuda.

João Bomba, o mais exaltado dos silvícolas, desabafou sua ira contra as freiras; afirmando: Elas queriam que a gente enfrentasse os posseiros, mas estavam ao lado deles. Queriam, na verdade, o massacre da nossa gente. É uma traidora, uma Judas feminina. Elas não merecem mais nossa confiança e não poderão mais nos visitar, porque novamente serão expulsas" — disse o índio.

As freiras Josefina e Alzira, segundo o delegado Expedito Leal, sempre estão à frente de todos os movimentos ou campanhas contestatórias na Região e, conseguiram até, aliciar um funcionário do Banco do Brasil a abandonar o emprego cujo salário era de mais de Cr\$ 20 mil mensais. Com o incidente ocorrido na reserva, elas agora perderam mais um local para desenvolverem suas atividades religiosas.

## Subpajé recorre à Polícia

Logo após a destruição de 13 dos 19 marcos da reserva Pankararu, o subpajé João Gomes da Silva esteve na Delegacia de Polícia de Petrolândia e solicitou o deslocamento de reforços para evitar conflito entre os índios e posseiros. A queixa da destruição dos marcos não foi oficializada porque o subpajé não quis requerer ordem judicial ao juiz de direito da comarca.

A revelação é do delegado de Polícia, bel Expedito Leal de Vasconcelos, destacando que, como se tratava de área sob jurisdição federal somente poderia deslocar policiais para lá com uma ordem judicial. Para ele, o incidente não abalou a tranquilidade do município, nem teve repercussão em virtude de o atrito entre índios e posseiros ser remoto, embora ultimamente o relacionamento entre eles se tenha agravado.

"Tanto o pessoal da Fetape quanto do sindicato, assim como a freira Josefina, têm instigado índios contra posseiros e vice-versa, mas nunca a situação chegou a merecer maiores cuidados. No entanto, desta vez, com a destruição de marcos e a ameaça de invasão por parte

dos posseiros, a coisa agravou-se, embora, pessoalmente, não acredito num confronto armado", afirmou o delegado, salientando que mantém as autoridades informadas sobre o problema.

Com apenas uma viatura e menos de 20 policiais, a Delegacia de Polícia não dispõe de recursos para intervir na contenda entre posseiros e índios, cujas implicações têm também origem política. "Mais de 500 índios votam e isso tem despertado o interesse dos políticos do Município, contribuindo para acirrar os ânimos, pois, por seu lado, os posseiros também são eleitores e os candidatos a cargos eletivos mantêm o prestígio entre o litigantes, fazendo "jogo duplo", explicou o delegado.

"Com a construção da barragem de Itaparica e o conseqüente desalojamento de centenas de proprietários rurais, aumenta a ambição pelas terras dos índios e a pressão para retirá-los da reserva, muito bem situada e fértil. Sem meios, a Polícia nada pode fazer em defesa dos índios e concentra suas atividades na manutenção da ordem no Município", esclareceu.

## Reserva mede seis quilômetros

A reserva indígena de Pankararu tem uma extensão de seis quilômetros quadrados, cercados de serras, com terras férteis, pouca vegetação, nenhuma caça ou pesca. A tribo vive do cultivo do milho, feijão, mandioca, algodão, pinha, caju, manga e goiaba, cria alguns bovinos e caprinos presos em cordas por falta de espaço suficiente para dedicar-se à pecuária e ainda produzem vassouras, chapéus, esteiras, mochilas e abano, todos de palha de carnaúba, dedicando-se ainda, à fabricação de louça de barro.

Tanto a produção agrícola como a artesanal é vendida a intermediários, a preços irrisórios. A comunidade indígena é constituída de cerca de 3.800 caboclos, incluindo mulheres e crianças que moram nos mais variados tipos de casas, desde a toda de palha, como a de taipa e a de alvenaria, por eles construídas, através dos mais rudimentares processos.

Sem nenhuma assistência técnica rural, a comunidade índia de Pankararu "vegeta", mas, é feliz, embora os vícios da chamada civilização já tenham, praticamente, destruído seus costumes, desmoralizando-os, descaracterizando-os e incentivando a prostituição entre as índias. Eles têm conhecimento de que estão próximos da extinção, mas se mantêm indiferentes, trabalhando apenas para comer e dormir, sem pensar no amanhã.

Mesmo ameaçados pela civilização e eternamente pressionados por posseiros e políticos, os índios consideram-se felizes porque não conhecem a ambição, desejam e têm o céu, as serras e a terra. Ninguém é dono da terra e ela é cultivada por todos, de uma maneira igual, sem beneficiar ou prejudicar a ninguém, de forma a que toda a comunidade não passe privações.

Mesmo alheio às ameaças de expulsão, à exploração do "homem branco", à descaracterização, a o aliciamento de jovens índias à prostituição, ao comércio de bebidas alcoólicas, os pankararus conservam a tradição e, uma vez por ano, se reúnem no "rancho", local sagrado, onde somente os integrantes da tribo podem participar do ritual.

## SAGRADO

O cacique João Monteiro da Luz, 60 anos, pele curtida pelo sol causticante do sertão, barba espessa, olhar fugidivo e muito calado, falou sobre a festa anual dos Pankararu. Ela é realizada de acordo com a safra do umbu (fruta serteaneja) e geralmente começa na primeira semana de fevereiro, prolongando-se até março, dependendo apenas do período em que o umbuzeiro amadurece seus frutos.

Quando o umbuzeiro começa a ficar carregado de frutos, eles abandonam suas casas e recolhem-se ao "rancho", onde permanecem durante quatro sábados e quatro domingos. Pintam-se, usam roupas de coraó (as tangas), dançam o Toré e nesse tempo falam apenas o Tuluchia, o idioma da tribo. Somente é permitido aos guerreiros dançarem e se pintarem, enquanto o resto da tribo apenas participa do ritual, simplesmente como espectadores.



O cacique João Monteiro da Luz

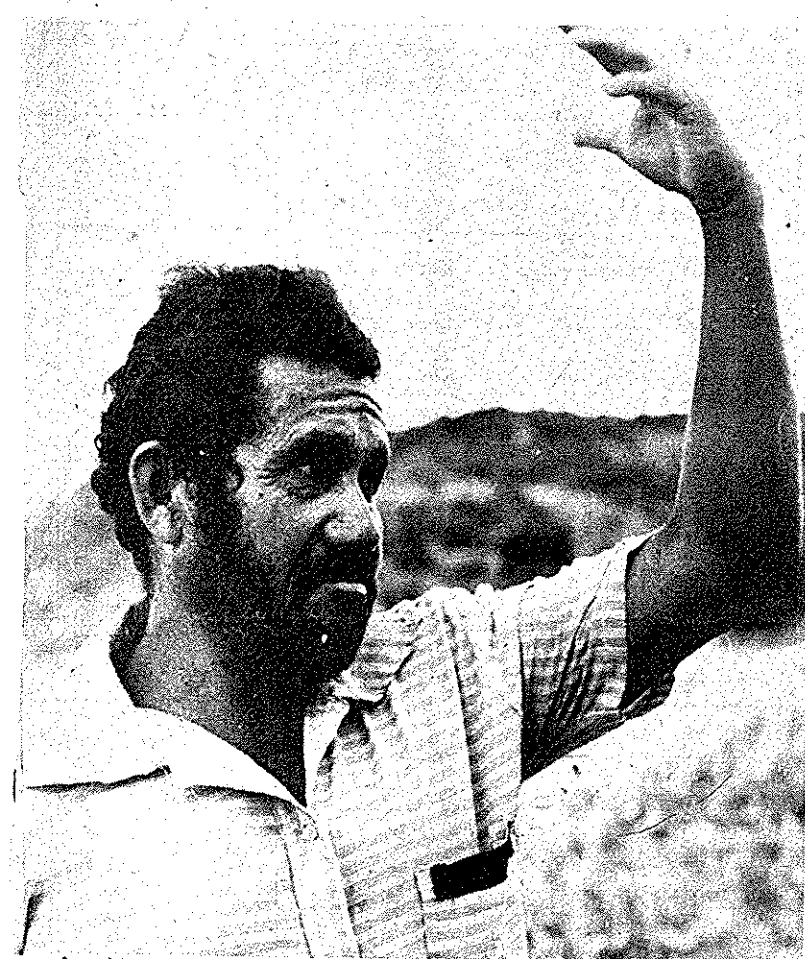
— Nossos costumes são diferentes de outras tribos, como a Kambiwa ou a Fulniô, de Aguas Belas. Nossa festa é sagrada, assim como, a das outras tribos, e dela apenas os índios podem participar ou assistirem. Estão acabando com os índios, mas jamais destruirão nossa tradição assegurou o cacique João Monteiro, salientando que todos os apetrechos, tanto os musicais, como os de guerra (lanças, arcos, flechas, etc) são confeccionados na tribo.

Durante o período da festa sagrada, quem fornece a alimentação aos participantes é o cacique, cuja responsabilidade é a de assegurar o respeito às leis indígenas. Mas, ele recebe o apoio e solidariedade de todos os Pankararus que, com antecedência doam alimentos, agasalhos e todo o necessário para a festa. No final, todos voltam para suas casas e reiniciam suas atividades agrícolas, mantendo completo sigilo sobre tudo que se passou no "rancho".

Em 1928, o cacique tinha apenas 8 anos, mas ele ainda recorda as agruras da tribo até que foi criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), hoje Funai. De 1928 até 1935, a tribo Pankararu "comeu o pão que o diabo amassou" e muitos índios foram assassinados por cangaceiros, jagunços de fazendeiros e por posseiros, todos querendo tomar-lhes as terras, a única riqueza que possuem.

— Recordo o passado como se fosse o presente. Olhando as serras, lembro das histórias contadas por meu avô e meu pai, ambos mortos. Nesse período triste vivíamos escondidos nas serras, comendo raiz torrada, frutos silvestres, caça e matando a sede com mandacaru ou arriscando-nos a ir até as nascentes, nos pés da serra. Oito caboclos morreram por causa da água de uma nascente que foi envenenada por um posseiro e cujas terras ainda hoje são ocupadas por seus netos. Os mesmos que nos perseguiram no passado continuam nos pressionando no presente. Não são eles em carne e osso, mas são seus descendentes, seus espíritos — disse o cacique João Monteiro.

Segundo, ele, toda a perseguição tem apenas a finalidade de expulsar os índios das localidades denominadas Caldeirão, Maneca, Carrapateira e Brejinho, onde estão situadas as terras mais férteis. O sofrimento da tribo foi amenizada com a criação da SPI e depois com sua transformação em Funai, mas mesmo assim, ainda vivemos sofrendo — afirmou o cacique.



O subpajé acusa os posseiros de arbitrariedade contra os índios